

Pastiches críticos*

Antes de começar uma tese de literatura, é conveniente que o candidato escolha algum dos estilos disponíveis na praça. Para orientar o neófito nessa árdua tarefa, darei alguns exemplos de estilos críticos, aplicados aqui à frase inicial de *O Ateneu* (1888). A escolha deve ser feita em função das preferências do Orientador e, se possível, da futura banca. Qualquer engano a esse respeito pode ser fatal.

A frase é a seguinte: "Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta" (Raul Pompéia, *O Ateneu*, ed. Afrânio Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/OLAC, 1981, p. 29).

* *Nicolau*, ano VII, nº 50, Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná, 1993, e *Terceira Margem*, Revista da Pós-Graduação em Letras da UFRJ, ano II, nº 2, 1994. Acrescentei aqui mais um tipo de crítica, pelo fato de tê-la visto etivamente aplicada ao *Ateneu*.

1. NARRATOLOGIA

A narrativa começa por um discurso direto, proferido pela personagem pai. Mas o narrador é a personagem filho, indiciado pelo possessivo *meu*. Trata-se, portanto, de um narrador representado, pessoal e participante, embora por enquanto imóvel e de boca calada. A função da personagem pai é a de sujeito do discurso, e a do filho, de receptor do mesmo. As qualidades da personagem pai são a sabedoria e a virilidade. As do filho, ainda não sabermos, porque ele ainda não disse nem fez nada. A identificação estabelecida no diálogo-monólogo do pai (mundo = Ateneu = luta) é um índice premonitório da ação futura da narrativa. Em suma, já dispomos de elementos suficientes para desconfiarmos de que quem manda é o pai, e de que o filho vai participar pessoalmente de várias seqüências de ação interessantes para ele, como narrador, mas bastante desagradáveis, como personagem.

2. ESTUDO DOS INCIPIT ROMANESCOS

A primeira tarefa do romancista é a de começar o texto, de designar seu ponto de partida e, portanto, de realizar a passagem para um novo espaço linguístico que exige uma confrontação com o arbitrário, ligado à origem do discurso e ao ato de começar. Antes do texto, havia um espaço de não-texto, que não deve ser confundido com o nada. É um espaço de não-dito que cessa de existir quando começa o dito, isto é, o dito cujo romance. A partir daí, como veremos, o escritor enfrentará o problema de continuar, não menos árduo do que o de começar. É importante que se distingua o estudo dos *incipit* do estudo do peritexto, tão urgente e fascinante quanto o primeiro. Sem falar do paratexto, cuja análise nos levaria

muito longe do *incipit*, do texto propriamente dito, de Raul Pompéia, distraíndo-nos de nosso objeto de análise.

3. CRÍTICA PSICANALÍTICA LACANIANA

A fala inaugural do romance é a fala do Pai, a palavra da Lei. Se o Outro é o lugar do significante, o enunciado de autoridade não tem outra garantia senão sua própria enunciação, já que é inútil buscá-lo em outro significante, o qual não existe fora desse mesmo enunciado. Aquele que aí toma a palavra é o Legislador, isto é, o impostor. O legislador ocupa realmente o lugar do Outro, a saber, o lugar da Mãe. O *grande A* do Ateneu toma o lugar do *pequeno a* objeto do desejo, que estará doravante sujeito à Lei, à castração. O signifiicante *Ateneu* pode então ser lido como aquilo-a-que-se-atém-o-eu, ou o que o eu teme e que designaremos doravante por *o ateneu*. Em tempo: os que contestam essa análise do texto estão manifestando uma resistência e recalcando algo. E, quanto mais denegarem, mais se entregarão. E não me venham dizer que o discurso psicanalítico é tão autoritário quanto o do pai do narrador, porque essa contestação será imediatamente analisada como sintoma.

4. CRÍTICA SOCIOLOGICA MARXISTA

Numa sociedade fundada sobre injustiça social e sustentada pela ideologia, isto é, a inconsciência do sujeito com relação a suas reais condições de existência, a palavra do pai é a palavra de má-fé característica do burguês. Ao ingressar no aparelho repressivo de Estado que é o Ateneu, o menino Sérgio se verá prisioneiro da classe dominante a que pertencem seu pai, os professores e todos os

alunos do liceu. A luta que lhe é anunciada é a disputa pelo poder escorrido no capital; mas a luta real é a luta de classes, que se trava fora dos muros da instituição. A verdadeira coragem é a do proletariado, excluído do Ateneu, e a ele a História dará a vitória. O discurso do pai é um discurso fora do lugar, porque não leva em conta a real situação do país, monarquista, escravagista e falsamente liberal, naquela data. Em tempo: todos os que afirmam o contrário são formalistas e reacionários.

5. CRÍTICA GENÉTICA (ESTUDO DOS MANUSCRITOS)

O prototexto da primeira frase de *O Ateneu* apresenta uma variante de grande interesse. No prototexto, lê-se: "disse meu pai à porta." A mudança para "disse-me meu pai, à porta" é extremamente significativa. Na variante, não se sabe a quem o pai dirigia sua fala. Poderia tê-la dirigido a outro menino que não o filho, e que ali também se encontrasse. A presença ou ausência da vírgula também altera profundamente o significado do texto. Sem a vírgula, o leitor poderia pensar que o pai está falando com a porta, o que o induziria a grave erro quanto à saúde mental da personagem. A correção introduzida por Raul Pompéia mostra seu extremo cuidado com a precisão do enunciado, e demonstra que tal precisão não foi alcançada no primeiro impulso. O movimento seguido desde a primeira forma até a segunda pode ser assim representado, para maior clareza da exposição: prototexto → texto. Observação: todo texto tem um prototexto, exceto aqueles que não o têm, ou que foram escritos em computador. Felizmente, ainda não havia computador no tempo de Raul Pompéia e assim dispomos dessa riquíssima variante.

6. CRÍTICA SEMIÓTICA

A relação Pai-Filho-Ateneu é uma relação triádica de desempenho. O Ateneu é um objeto, transformado pelo pai em sin-signo provido de inúmeros quali-signos. A fala do pai funciona como Interpretante na relação do filho com o Ateneu. O livro *O Ateneu* contém numerosos hipó-ícones, isto é, imagens com qualidades de Primeiras Primariedades. Os signos iniciais do romance não são, entretanto, icônicos, mas simbólicos. A primeira sentença é assim primeira como sentença e como representantem. Ao mostrar ao filho a porta do liceu, o pai utiliza um indicador, que pretende colocá-lo em conexão real com o objeto. Entretanto Ateneu, nome próprio, é apenas um hipó-seme não indicador. Nada garante, portanto, que o filho tenha decodificado corretamente o signo Ateneu e, muito menos, o indicador seletivo universal "mundo". Aliás, do que é mesmo que estávamos falando?

7. CRÍTICA DESCONSTRUCIONISTA

Ao identificar o Ateneu ao mundo, o pai pressupõe um mundo provido de centro, isto é, de Verdade. O pai é o porta-voz da metafísica ocidental, um defensor do logocentrismo, um platoniano inveterado. Na verdade, o Ateneu nada mais é do que uma construção substitutiva que, na ausência de centro ou origem, é mera produção de significação estabelecida mediante uma operação de diferença(s). Na ausência de um centro e de um sujeito essencial, qualquer interpretação dessa primeira frase de *O Ateneu* permanecerá sempre incompleta, não podendo jamais esgotar o objeto texto em sua totalidade. Assim sendo, nunca chegaremos à análise da segunda frase do romance e nosso estudo do mesmo permanece-

cerá indefinidamente diferido. Felizmente, essa diferença pode ocupar as duzentas páginas necessárias para compor nossa tese.

8. CRÍTICA PÓS-MODERNA

Percebe-se imediatamente que *O Ateneu* não passa de uma narrativa moderna. Ao dizer ao filho que ele vai encontrar "o mundo", o pai se revela tributário de uma metanarrativa totalizante e legitimadora. Ao preparar o filho para "a luta", ele mostra que tem um projeto, o que é próprio das ilusões dos modernos. O pai se coloca, além disso, como um sujeito que não tem a menor dúvida de sua consistência (se o filho o contestar, levará um cascudo). Podemos, entretanto, propor uma leitura pós-moderna desse início de romance se supusermos que ele não é, de fato, o início de *O Ateneu*, mas apenas uma citação lúdica do mesmo, grafitada no muro de uma escola. Tal leitura não nos levará a nenhuma conclusão (as conclusões são velhas manias modernas), mas será voluntariamente superficial e irônica.

9. CRÍTICA FEMINISTA

Como a esmagadora maioria dos romances, *O Ateneu* é uma história de homens escrita por um homem. O livro começa com as palavras de um homem dirigidas a outro homem. Note-se que o próprio nome do liceu, Ateneu, é um nome próprio masculino e que designava, na antiga Grécia, um local de reunião de literatos do sexo dito forte. Esse universo masculino se anuncia como um palco de luta, um lugar agressivo, destituído de sensibilidade, de afetividade, de fluidez, qualidades femininas que têm sido exploradas

pelo patriarcado para oprimir as próprias mulheres. Por isso é que nós, mulheres, devemos lutar contra todos os Ateneus, todos os pais, todos os filhos, e, portanto, exigir a retirada do romance de Raul Pompéia de nossos programas escolares e universitários.

10. CRÍTICA GAY

O “mundo” que o filho encontrará no Ateneu é, evidentemente, um mundo *gay*, já que se trata de um interrato masculino. As mulheres pelas quais ele eventualmente será atraído na verdade não contam, e a “luta” do filho terá por objetivo “sair do armário”. Aliás, o próprio Raul Pompéia...

Índice onomástico

- Adam, Paul, 202
Adorno, Theodor, 45, 50, 129, 311, 312
Almada Negreiros, 153, 154, 155, 185
Alonso, Dámaso, 310
Althusser, Louis, 113
Arnado, Jorge, 232, 286
Andrade, Carlos Drummond de, 200, 326, 334
Andrade, Fábio de Souza, 309
Andrade, Mário de, 213, 214, 216, 217-21, 248, 252-3, 310, 312, 313, 318, 320, 321, 322, 325, 326
Andrade, Oswald de, 207-10, 212, 213, 214, 239, 318, 326, 332
Andrade Muricy, José Cândido de, 200
Anjos, Augusto dos, 199
Aragon, Louis, 86, 89, 90, 91,
Ariosto, Ludovico, 286
Aristóteles, 275
Artaud, Antonin, 305, 344
Auerbach, Erich, 45, 311
Bachelard, Gaston, 72, 90, 310
Bakhtin, Mikhail Mikhailovich, 311
Balzac, Honoré de, 45-54
Bandeira, Manuel, 200, 212, 310, 318, 319, 326
Baptista, Hemerson Alves, 121
Barthes, Roland, 13, 30, 46, 51, 52, 64, 65, 68, 70, 113, 129, 178, 286, 288-9, 291-2, 294-9, 304, 307, 320, 343, 344, 346, 348
Bastide, Roger, 220
Batlle, Georges, 114
Baudelaire, Charles, 13, 25, 26, 30, 33, 39, 40, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 273, 310
Benjamin, Walter, 121, 123, 126, 128, 311
Benveniste, Émile, 112, 320
Bergson, Henri, 72